



Livros de poemas

Quinhentismo

Poemas de José de Anchieta Jesus na manjedoura -
Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado? -
Jazo aqui por teu pecado. - Ó menino mui formoso,
Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal
pobreza? - Por fazer-te glorioso E de graça mui
colmado, Jazo aqui por teu pecado. - Pois que não
cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão
pequenino? - O amor me deu este véu, Em que jazo
embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó menino de
Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de
tal idade? - Por querer-te todo o bem E te dar eterno
estado, Tal me fez o teu pecado.

Barroco

Gregório de Matos Guerra O todo sem a parte não é todo; A parte sem o todo não é parte; Mas se a parte o faz todo sendo parte, Não se diga que é parte, sendo todo.

Arcaísmo

Se é Doce Du bocage Se é doce no recente, ameno
Estio Ver tocar-se a manhã de etéreas flores, E,
lambendo as areias e os verdores, Mole e queixoso
deslizar-se o rio; Se é doce no inocente desafio
Ouvirem-se os voláteis amadores, Seus versos
modulando e seus ardores Dentre os aromas de pomar
sombrio; Se é doce mares, céus ver anilados Pela
quadra gentil, de Amor querida, Que esperta os
corações, floreia os prados, Mais doce é ver-te de
meus ais vencida, Dar-me em teus brandos olhos
desmaiados. Morte, morte de amor, melhor que a vida.

Romantismo

Gonçalves Dias: Canção do exílio
Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá; As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá. Nosso céu tem mais estrelas, Nossas várzeas têm mais flores, Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida mais amores. Em cismar, sozinho, à noite, Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá. Minha terra tem primores, Que tais não encontro eu cá; Em cismar — sozinho, à noite — Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá. Não permita Deus que eu morra, Sem que eu volte para lá; Sem que desfrute os primores Que não encontro por cá; Sem qu'inda aviste as palmeiras, Onde canta o Sabiá.

Simbolismo

Soneto Encontrei-te. Era o mês... Que importa o mês?
Agosto, Setembro, outubro, maio, abril, janeiro ou
março, Brilhasse o luar que importa? ou fosse o sol já
posto, No teu olhar todo o meu sonho andava
esparso. Que saudades de amor na aurora do teu
rosto! Que horizonte de fé, no olhar tranquilo e garço!
Nunca mais me lembrei se era no mês de agosto,
Setembro, outubro, abril, maio, janeiro, ou março.
Encontrei-te. Depois... depois tudo se some Desfaz-se
o teu olhar em nuvens de ouro e poeira. Era o dia...
Que importa o dia, um simples nome? Ou sábado sem
luz, domingo sem conforto, Segunda, terça ou quarta,
ou quinta ou sexta-feira, Brilhasse o sol que importa?
ou fosse o luar já morto? Por Luana Castro Graduada
em Letras

Pré-modernismo

Pronominais Dê-me um cigarro Diz a gramática Do professor e do aluno E do mulato sabido Mas o bom negro e o bom branco Da Nação Brasileira Dizem todos os dias Deixa disso camarada Me dá um cigarro.

Modernismo

Quando o português chegou
Debaixo duma bruta
chuva Vestiu o índio
Que pena! Fosse uma manhã de
sol O índio tinha despido
O português. Oswald de
Andrade

Realismo

A lua banha a solitária estrada... Silêncio! ... Mas além, confuso e brando, O som longínquo vem-se aproximando Do galopar de estranha cavalgada” ...
(Raimundo Correia. A cavalgada) “Vai-se a primeira pomba despertada... Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas De pombas vão-se dos pombais, apenas Raia sanguínea e fresca a madrugada...” ...
(Raimundo Correia. As pombas)